

# História do Ensino Superior em Araxá - 1965 a 1975<sup>1</sup> -

Prof. M.e Luciano Marcos CURI<sup>2</sup>

---

**Resumo:** Parcela significativa da História da Educação em Araxá está por ser escrita. Este artigo vem auxiliar o preenchimento desta lacuna que, ao contrário do que habitualmente se acredita, não se trata de mera curiosidade ou saudosismo. Compreender a Educação brasileira, sua história e desenvolvimento é fundamental para o planejamento dos rumos a serem tomados no momento presente e futuro. O recorte temporal deste artigo situa-se entre a primeira tentativa araxaense de dotar o município de Ensino Superior (1965) e a formatura da primeira turma araxaense autóctone, na época, do curso de Estudos Sociais (1975). O texto remonta o contexto e as dificuldades vividas naquele período na luta pela implantação do Ensino Superior em Araxá.

**Palavras-chave:** Educação, História da Educação, História de Araxá.

---

\*

A História do Ensino Superior em Araxá começa em 1965. Naquele ano, motivados por acontecimentos locais, os araxaenses cogitam instalar na sua cidade “*uma faculdade para abrilhantar*” e dinamizar o ensino e a cultura. Aquela era uma data simbólica, “*o ano do centenário*”, que realmente revelou-se frutífera, mas o sonho do Ensino Superior teve ainda que esperar mais oito anos para materializar-se.

## O espírito do centenário

E Araxá continua sua caminhada com novos programas. Não se sente satisfeita com o muito que tem, e avança em novas arrancadas. Um Colégio Estadual já

está se tornando realidade, para gáudio de todos. Paralelamente, sonha-se com as Faculdades, com o conservatório de Música e Escola de Artes, que virão engrandecer ainda mais esta Terra do Sol (...)³

O ano de 1965 foi marcante na história araxaense. Comemorou-se o primeiro centenário da emancipação política de Araxá. O calendário foi pontuado de realizações e festividades, em âmbito local, de janeiro a dezembro. A ideia da época era fazer a cidade sacudir com os festejos e espantar de vez o marasmo predominante que acometia a cidade pelo menos desde a segunda metade da década de 1950.

Naquele ano foi inaugurado o Museu Dona Beja por Assis Chateaubriand, figura de prestígio nacional e fundador dos *Diários Associados*⁴, que logo a seguir o doou à comunidade araxaense. Na solenidade de inauguração, o embaixador da União Soviética, Andrei Fomin, estava presente e foi designado padrinho da nova instituição que era entregue ao público. Embaixador comunista desposando inaugurações no Brasil tornou-se episódio raro e até descabido nos anos seguintes, principalmente com a Ditadura Militar. Esta inauguração ainda rendeu uma extensa reportagem na revista *O Cruzeiro*⁵ sobre “*A vida fabulosa de Dona Bêja*,”⁶ na qual Araxá e o museu eram noticiados.

A universitária Magaly Cunha, Miss Araxá (1965), apresentou-se como a legendária D. Bêja, num vestido vermelho, ostentando jóias riquíssimas, simbolizando a opulência e magnificência da famosa mulher de Araxá.

Após a execução do Hino Nacional do Brasil e da União Soviética, pela banda do 4º BI, a Sra. Iolanda Penteado, presidente do museu regional D. Bêja, proferiu palavras alusivas ao ato, tendo discursado depois o Prefeito Domingos Santos e o Deputado Lourival Brasil, em nome da Assembléia Legislativa mineira. Falaram também a Sra. Terezinha Soares, em nome da presidente de honra do Museu, Sra. Silvéria de Aguiar, Sr. Andrei Fomin, especialmente convidado pelo Embaixador Assis Chateaubriand para paraninfar a solenidade, e o Governador Magalhães Pinto, que agradeceu em poucas palavras frisando que a criação do museu, na cidade de Araxá, “tem extraordinária significação para a história de Minas Gerais”. Encerrando a solenidade, o Jornalista Paulo Cabral, dos *Diários Associados* em Minas Gerais, salientou, em nome do Sr. Assis Chateaubriand, que “esta pequena galeria é obra da dedicação dos que colaboraram conosco para que ela fosse realizada”.

Ainda em 1965, a rodovia Araxá-Franca foi pavimentada tornando-se a primeira rodovia asfaltada que interligava Araxá. Neste mesmo ano, iniciou-se a pavimentação asfáltica

da rodovia BR 262. A pavimentação asfáltica do aeroporto também efervescia o entusiasmo araxaense. Entre outros acontecimentos da época estão: a inauguração da Academia Araxaense de Letras, aceleração das obras do Hotel de Cura e Repouso, atual Hotel Nacional Inn Previdência (antigo, Hotel da Previdência), do governo do Estado de Minas Gerais, a inauguração do Grupo Escolar do Bairro Lavapés, atual Escola Estadual Armando Santos, a criação do Colégio Estadual Dom José Gaspar, primeiro colégio público de Araxá, inauguração da sede própria do Ginásio Municipal Vasco Santos, primeiro ginásio público de Araxá, asfaltamento de várias ruas centrais da cidade, construção dos canteiros centrais na avenida Imbiara, antiga rodovia Araxá-Barreiro, que foram muito elogiados pelo embelezamento que propiciaram.

As realizações não pararam por aí. Em fevereiro de 1965, o presidente da República, o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, um dos líderes do golpe de 1964, visitou a cidade. A romaria ao santuário de Nossa Senhora d'Abadia de Água Suja, atual Romaria, bateu recorde com 2.100 romeiros e foi considerada uma das maiores romarias rodoviárias do país. No dia 30 de dezembro, a imagem do Cristo, confeccionada no Estado de São Paulo pelo artista Ottaviano Papaiz, foi pré-inaugurada no alto do bairro Santa Rita, apesar dos detalhes do projeto ainda não estarem concluídos, mas era impensável não batizá-la naquele ano tão marcante para Araxá.

Outro acontecimento das comemorações do centenário que marcaram a memória dos araxaenses foi o desfile cívico-comemorativo daquele ano. Todo o possível foi feito para que ele superasse os desfiles anteriores e estabelecesse um padrão difícil de ser extrapolado. Não há pesquisas sobre o assunto para se saber com precisão se foi superado, mas as evidências colhidas na memória coletiva indicam que ele marcou os araxaenses. As comemorações se estenderam do dia 12 ao dia 19 de dezembro, culminando com o majestoso desfile.

Estas foram apenas às iniciativas que tiveram êxito. Houve também aquelas que, apesar de empreendidas com afincos, não lograram sucesso. Duas delas particularmente interessam. A primeira foi a aprovação da lei estadual que previa a criação da **Escola de Enfermagem de Araxá**<sup>8</sup> idealizada para funcionar nas dependências do Grande Hotel no Barreiro, e a segunda foi o projeto de lei estadual para criar em Araxá o que seria sua primeira faculdade, uma **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI)**. A Escola de Enfermagem teve a lei aprovada, mas não foi implementada e a lei que pretendia criar a FAFI de Araxá teve o prosseguimento de sua votação interrompida dada as mudanças ocorridas em âmbito nacional naqueles idos anos. Os dois projetos foram de autoria do deputado Hilo Andrade<sup>9</sup> e foram noticiados pela imprensa local da época dentro do

espírito entusiástico da comemoração do primeiro centenário da emancipação política de Araxá. Assim, a primeira tentativa de dotar Araxá de uma faculdade data de 1965.

Contudo, é preciso dizer que este entusiasmo araxaense de 1965, o **Ano do Centenário**, contrastava com o clima tenso que o Brasil vivia naquele ano. Os militares estavam no poder a pouco mais de um ano. Os últimos meses haviam sido marcados por retaliações e perseguições políticas. Se em Araxá o clima era festivo, nacionalmente a insegurança e o medo predominavam. Até o dia do desfile cívico-comemorativo em Araxá, 19 de dezembro, os militares haviam editado dois Atos Institucionais<sup>10</sup>, os famosos AIs. O Ato Institucional nº01 (AI-1), de 09/04/1964, que suspendia temporariamente as garantias constitucionais dos cidadãos permitindo o combate aos “*inimigos da revolução*”, e estabelecia um governo militar imune aos poderes constitucionais existentes que foram seriamente restringidos. O AI-2, de 27/10/1965, cancelou a eleição presidencial marcada para aquele ano e a prorrogou para o ano seguinte, contudo, não mais eleição direta e sim indireta, através do Congresso Nacional, devidamente alijado dos “*elementos corruptíveis ao regime*”.

A constituição de 1946, então em vigor, já era, pelos mandos e desmandos da ditadura, um enfeite que começa a dar sinais de esclerose perante o endurecimento do regime. Pelo calendário eleitoral, em 1965, deveria haver eleição presidencial. Havia rumores de que talvez os militares entregassem o poder e de que o golpe fosse apenas preventivo, como o de 1954, que garantiu a posse de Juscelino Kubistchek. O AI-2 foi um sinal do que veio a se consolidar depois. Os militares se perpetuaram no poder por longos 21 anos e a alegria araxaense do seu centenário destoava do tom acinzentado que pairava na política nacional. Curiosamente, essa disparidade de 1965 - entusiasmo araxaense versus cenário nacional sombrio - coincidia com o contexto do ano de 1865, quando Araxá foi elevado à categoria de cidade pelo Imperador Pedro II, em retribuição pela participação araxaense na assombrosa guerra contra o Paraguai (1865-1870).

## Outras tentativas

Só pode ser benção, e benção dos céus, a iniciativa tomada por uma plêiade de araxenses tentando implantar, aqui, as Faculdades de Direito e de Filosofia.

Duas organizações – Sociedade Educacional do Alto Paranaíba, “SEAP” e Organização Educacional de Araxá, “OEA” – foram constituídas com a única finalidade de dotar nossa cidade destas duas unidades de ensino superior, sintonizando, assim, os anseios de uma coletividade inteira.”

A segunda tentativa de dotar Araxá de uma faculdade remonta ao ano de 1968. Em 20 de setembro daquele ano foi criada a Sociedade Educacional do Alto Paranaíba (SEAP) composta pelos seguintes integrantes: Aracely de Paula, Carlos José Lemos, César Mesquita, Fausto Júlio de Mesquita e José Rodrigues Duarte, na época, quatro jovens advogados e um médico<sup>12</sup>. Todos eles depois tornaram-se figuras conhecidas e importantes na política araxaense. O primeiro e o último foram prefeitos. O segundo, o terceiro e o último, deputados estaduais. Fausto Júlio de Mesquita preferiu a advocacia.

Fruto de muito idealismo, a SEAP pretendia fundar em Araxá uma *Faculdade de Direito*, o que acabou não ocorrendo. Intencionavam seus integrantes que a SEAP funcionasse no sobrado da antiga Drogaria Mesquita na Praça São Domingos<sup>13</sup>, atualmente a lanchonete Gruta Gelada, e a faculdade no prédio do Colégio Jesus Cristo, atual Bit Company, na rua Luiz Colombo, nº115. Uma placa identificando a SEAP chegou a ser fixada na marquise do referido sobrado. Contudo, a legislação federal da época, já explicada anteriormente, constituiu um dos empecilhos para a constituição da sonhada faculdade araxaense.

O plano da SEAP de instalar primeiramente uma Faculdade de Direito resultou num processo de solicitação de funcionamento que foi protocolado no Conselho Federal de Educação (CFE)<sup>14</sup>, quando este ainda funcionava no Rio de Janeiro, em 05/11/1970. Na época, o então prefeito de Araxá, Paulo Márcio Ferreira, acompanhou os membros da SEAP ao Rio de Janeiro, que entregaram pessoalmente o pedido ao órgão do Ministério da Educação.

A expectativa era de que o funcionamento da Faculdade de Direito iniciasse entre março e agosto de 1971. Chegou a ocorrer uma visita da senhora Dr<sup>a</sup>. Estelita à Araxá, membro do CFE, para verificar, *in loco*, o prédio, a biblioteca e as demais instalações para a solicitada faculdade. A formação do acervo da biblioteca constituiu-se da soma do acervo particular dos membros da SEAP. Antes da partida para o Rio de Janeiro, a senhora Estelita garantiu aos membros da SEAP que saía de Araxá bastante impressionada com a organização e as possibilidades promissoras à futura faculdade. Entusiasmados, os membros da SEAP providenciaram uma pequena comemoração, crendo na aprovação da faculdade pleiteada. Ao chegar ao Rio de Janeiro, ela emitiu um parecer contrário à criação da Faculdade de Direito de Araxá contrariando sua fala. Os demais membros do CFE acompanharam-na na sua decisão, afinal ela havia realizado a visita *in loco* e, em tese, estava apta a dizer não. Esse episódio foi como “*atirar água no braseiro*”. Desfizeram-se as expectativas. Contudo, a SEAP ainda persistiu e só foi dissolvida em 1974 sem alcançar suas metas.

## A terceira tentativa

A terceira tentativa de dotar Araxá de uma faculdade também data de 1970. Em 10 de julho daquele ano, foi criada a Organização Educacional de Araxá (OEA), composta pelos seguintes integrantes: Luiz de Nazareno Silva (Miguelópolis/SP), Romeu Barbosa de Freitas (Miguelópolis), Edgard Martins Maneira (Araxá), Paulo de Tarso Natal Fonseca (Araxá), José da Conceição Moura (Miguelópolis) e Terrige Trebbi (Miguelópolis).

A OEA (Organização Educacional de Araxá) surgiu depois<sup>15</sup>, também com um fim alto: - implantar em terras araxanas (para estancar um êxodo que chega a ser inquietador) uma Faculdade de Filosofia, velha e acalentada aspiração de uma cidade inteira, caminho quase certo para aquelas moças que, em terminando o Curso Normal, pretendam prosseguir em seus estudos.<sup>16</sup>

O destino da OEA não diferenciou-se muito do que ocorreu com a SEAP. Apesar da torcida e da simpatia de sua proposta, ela não se concretizou. Segundo o seu estatuto, objetivava fundar a **“Universidade de Araxá”**. A despeito do afincado dos seus integrantes, quatro naturais de Miguelópolis e dois araxaense, não foram correspondidos pelo governo federal da época que tinha reservas naquele momento com relação à expansão do ensino superior no Brasil.

O M.E.C. bem que poderia ajudar a superar este angustiante problema de fixação e de sobrevivência, autorizando, já, as instalações pleiteadas por ambos os grupos – SEAP e O.E.A. – e que vão representar uma fase absolutamente nova e promissora para a economia local e a evolução cultural dos jovens, retendo, aqui (em Araxá), nossas famílias e recebendo o afluxo daquelas outras que residem em cidades próximas, e para as quais, também, essas Faculdades viriam como maná caído do céu.<sup>17</sup>

A OEA, mesmo contando com nomes importantes de Araxá e já atuantes na área da Educação, não conseguiu lograr êxito na implantação da Faculdade de Filosofia. O senhor Edgar Maneira, por exemplo, já tinha atuação educacional na cidade.

Em 1952, os Salesianos fundaram, por intermédio do Pe. Clovis Vila Nova, a Escola Técnica de Comércio D. Bosco, que em 1954 passava as mãos do Sr. Edgar Maneira, seu atual diretor, e que, em 1955, dava a nossa terra a primeira turma de contadores.<sup>18</sup>

Contudo, é preciso esclarecer que, enquanto Araxá fervilhava de entusiasmo, nos anos seguintes à comemoração do centenário, a ditadura se impunha pela força e por variadas estratégias de contenção social que atingiram, entre outras áreas, a saúde e a educação. Em suma, enquanto o movimento estudantil estava nas ruas protestando contra a ditadura, os araxaenses tentavam criar sua primeira faculdade. Não significa que havia desatenção com a política da época. O que houve foram os reflexos positivos daquele momento de desenvolvimento econômico vivido pela cidade, com o crescimento da recém-implantada DEMA<sup>19</sup>, atual CBMM, a inauguração da Arafértil, em 1971, entre outros.

## A quarta tentativa e a Sociedade Educacional de Araxá (SEA)

Assim, após três tentativas de dotar Araxá de ensino superior sem êxito, a quarta obteve sucesso. Esse êxito foi auxiliado pela solidariedade de outra instituição araxaense existente desde 1958 que, mesmo sem ter o objetivo de implantar o ensino superior na cidade, teve um papel destacado na criação da primeira faculdade de Araxá: trata-se da Sociedade Educacional de Araxá (SEA).

A SEA foi fundada em 03/06/1958 e era composta pelos seguintes integrantes: Johnny Nollí, Sylvia de Almeida Barsante, José Geraldo Perfeito, Francisca Querina Martins de Oliveira, Delacir de Melo Ramos e posteriormente Alcyone de Souza Bernardes<sup>20</sup>. No seu estatuto, consta como objetivo principal **“Educar a mocidade araxaense”**. De fundamentação espírita, essa entidade colaborou decisivamente para o surgimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá, atual Uniaraxá, em 1972. Criada com o objetivo de fundar, administrar e manter o **Colégio Jesus Cristo**, a SEA ainda se mantém em atividade, contudo, não na área educacional.<sup>21</sup>

O Colégio Jesus Cristo, inicialmente Ginásio Jesus Cristo<sup>22</sup>, iniciou suas atividades em 1959 e funcionava no prédio do Grupo Escolar Delfim Moreira, no período noturno. Em 1966, teve início o funcionamento do Curso Normal que formava professores (as) para lecionar no que atualmente se chama Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do atual Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries). Em 1968, ele foi para sua sede própria, na rua Luiz Colombo nº115, atual Bit Company, prédio que até hoje é propriedade da SEA<sup>23</sup>. O *“Jesus Cristo”*, como era chamado o Colégio pelos araxaenses, encerrou suas atividades em 1974. Uma das características deste Colégio foi a política financeira da escola. Entidade

particular praticava, no entanto, um preço de mensalidade abaixo das escolas concorrentes da cidade, isto condizente com as práticas de caridade tão caras à doutrina espírita.

“Em 1958 a Sociedade Educacional de Araxá, presenteava-nos com o Ginásio Jesus Cristo, que entrou em funcionamento no ano seguinte, tendo como diretora Francisca Querina Martins de Oliveira.<sup>24</sup>

A antiga Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Araxá (FAFI), atual Uniaraxá, cujo funcionamento iniciou-se em 1973 contou, nos seus primeiros anos de vida, com a solidariedade da SEA. Atentos aos princípios estabelecidos em seus estatutos, a SEA cedeu sem custo, em regime de comodato, durante o período de 1973 a 1976, o prédio do

**Ginásio “Jesus Cristo”**

Caixa Postal 114  
Araxá – Minas Gerais

Araxá, 4 de julho de 1973

Exmo Sr.  
Virmondes Afonso Ribeiro  
D.D. Presidente da Fundação Cultural de Araxá  
NESTA

Senhor Presidente

No momento em que se prepara a Fundação dirigida por V. Exa para colocar em funcionamento a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá, tão logo seja autorizado pelo Conselho Estadual de Educação, gostaríamos que nosso nome ficasse ligado a história da luta empreendida por V. Exa, em função do ensino superior em nossa cidade.

Por tal motivo, resolvemos doar a Biblioteca da futura Faculdade os livros constantes das relações anexas, totalizando as três relações 215 títulos, desde o momento a disposição dessa Fundação.

Sem outro particular para o momento, aproveitamos o ensejo para renovar os protestos de nossa elevada estima e consideração.

Atenciosamente

(as) Alcyone de Souza Beranrdes  
Presidente da Sociedade Educacional Araxaense

Colégio Jesus Cristo para o funcionamento da então recém-criada FAFI de Araxá, doaram acervo para formar a biblioteca e também labutaram na superação dos obstáculos iniciais da FAFI de Araxá, como, por exemplo, a superação das dificuldades com a contratação de professores habilitados para o Ensino Superior naqueles idos anos.

Todos os membros da SEA foram importantes na criação e fundação da FAFI de Araxá, contudo, um nome destacou-se; o da Prof<sup>a</sup>. Francisca Querina Martins de Oliveira, a Dona Chica que atuou junto à FAFI de Araxá por mais de uma década e era titular vitalícia da SEA. Após a criação da FCA, ela foi diretora-executiva de 01/09/1973 a 01/07/1977. A partir de 1977, foi encarregada de dirigir a EMINAS<sup>25</sup> e prestou mais 20 anos de contribuição à História da Educação em Araxá.

Naquele momento, a conjuntura nacional já era mais favorável, devida à reforma universitária de 1968, e à nova LDB de 1971, a famosa 5.692/1971, que simplificou drasticamente a formação de professores no Brasil, introduzindo as chamadas **licenciaturas curtas e plenas**.

A Ditadura Militar estabeleceu, com a reforma universitária de 1968 e a LDB de 1971, um cenário educacional cujas características principais ainda não foram ultrapassadas até a atualidade: expandir a educação no Brasil sem vinculá-la a um adequado nível de qualidade. Interessada na formação de contingentes de alunos e professores despolitizados e acrícos, a ditadura lançou mão de uma fórmula dupla, cuja superação até hoje não foi conseguida. Aumentar a escolarização e as oportunidades de acesso ao ensino, contudo, barateando seu custo e dando-lhe um conteúdo menos político. Data deste momento, a introdução de disciplinas de caráter cívico como EMC (Educação Moral e Cívica) e a formatação conservadora e acríca de outras como OSPB (Organização Social e Política do Brasil) e EPB (Estudos dos Problemas Brasileiros)<sup>26</sup>.

Polêmicas à parte, esta facilitação na formação de professores, **licenciaturas curtas e plenas**, teve um duplo efeito. Primeiro, logo se percebeu que esses cursos eram insuficientes do ponto de vista formacional. Segundo, permitiu a criação de uma série de Fafis pelo interior do país e a conseqüente evasão de alguns grandes centros universitários da época, considerados pela ditadura como reduto de contestação ao governo militar no Brasil.

No entanto, nem tudo foi espinhos para o ensino superior brasileiro naquela época. Ao contrário do que a ditadura imaginava, a expansão da demanda educacional não cessou mais de crescer no Brasil. Desde a década de 1960, a população brasileira, principalmente a classe média, reivindicava a ampliação das oportunidades educacionais. Araxá compartilhava desta demanda. A imprensa local registra inúmeros apelos neste sentido e foi nessa década que houve na cidade a preocupação de se criar um ginásio e um colégio

públicos em Araxá, respectivamente, o Ginásio Municipal Vasco Santos (de 1964) e o Colégio Dom José Gaspar (de 1965).

Somente aqueles que têm filhos em idade escolar compreendem o alcance quase divino da iniciativa (refere-se à SEAP e OEA). É de se ver, ao final de todos os anos, o drama daqueles que concluem o curso médio em Araxá e os apuros e os sacrifícios de seus pais, que – via de regra – tem que se mandarem daqui para acompanhá-los a outros centros, em busca de escolas de nível superior, a menos que queiram deixá-los ir, sozinhos, correndo o risco de vê-los, depois transformados por ambientes que geralmente deformam e mutilam a personalidade, pois o ambiente estudantil nos grandes centros, muito tumultuado, nos dias que correm não é “flor de se cheirar”...<sup>27</sup>

Observe que este fragmento é um testemunho do Brasil da época. Seguramente, a situação de Araxá não era muito diferente de outras partes do interior do país. O ambiente estudantil andava “*tumultuado*” e não era “*flor de se cheirar*”. O trecho evidencia a preocupação central da época com a questão política. As dificuldades políticas tiveram maior ênfase do que as econômicas. A ditadura, ao permitir a expansão do ensino superior no Brasil, de um ensino deficitário é verdade, pretendia minar a resistência estudantil ao regime.

Em 1965, o número de alunos do ensino superior tinha sofrido um crescimento muito rápido, chegando a 67% quando comparado com o início da década, sendo que o número de candidatos aos exames vestibulares aumentou essa taxa ainda mais.<sup>28</sup>

Como a pressão pelo aumento de vagas tornava-se cada vez mais forte, logo após 1968, ocorreu uma expansão do setor privado, que criou inúmeras faculdades isoladas, nas regiões onde havia maior demanda, ou seja, na periferia das grandes metrópoles e nas cidades de porte médio do interior dos estados mais desenvolvidos. Essa expansão do sistema ocorreu com a aquiescência do governo e, no ano de 1980, mais da metade dos alunos de terceiro grau estava matriculada em estabelecimentos isolados de ensino superior, sendo 86% em faculdades privadas.

No ano de 1981, o Brasil contava com 65 universidades, sete delas com mais de 20.000 alunos. Nesse mesmo ano, o número de estabelecimentos isolados de ensino superior excedia a oitocentos. Duzentos e cinquenta dos quais com menos de 300 alunos. As novas faculdades isoladas não eram locus de atividades de pesquisa, dedicando-se exclusivamente, ao ensino.<sup>29</sup>

Todas estas considerações têm o objetivo de fazer justiça. Estudos recentes apontam que a ditadura investiu no ensino superior, mas não da forma como era feito antes de 1964. Os esforços do governo militar concentraram-se principalmente nas áreas tecnológicas, engenharias e agrárias<sup>30</sup>. Em suma, reconhece-se que se o governo militar não conseguiu frear quantitativamente a Educação no Brasil, qualitativamente o estrago foi grande.

## **A municipalidade toma frente: FCA - solução jurídica do sonho**

Na década de 30, começaram a surgir também as primeiras instituições privadas, que aumentaram rapidamente de número. A reforma universitária de 1968, apesar de consagrar na legislação o modelo universitário centrado na pesquisa e na pós-graduação, foi seguida de uma grande expansão do ensino privado, sobretudo na forma de instituições isoladas de ensino, expansão que se reduziu um pouco no período de 1973-1974, para retomar o ritmo depois. A maior parte das instituições federais, assim como das instituições estaduais paulistas, data de antes da década de 70. Nos anos 80 houve um pequeno crescimento de instituições estaduais no resto do País, e, nos últimos cinco anos, só o setor privado continuou crescendo.<sup>31</sup>

Em 1967, através do famoso decreto-lei nº200 de 25/02/1967, a Ditadura Militar introduziu uma inovação há muito pleiteada pela sociedade brasileira que beneficiou Araxá. Trata-se da autorização para a criação das “*fundações públicas*” de direito privado. Baseada no modelo estadunidense, a legislação objetivava a modernização da administração pública brasileira, reclamação recorrente durante as décadas de 1950 e 1960.

A insatisfação com a burocracia estatal brasileira remonta ao período imperial. Contudo, após a década de 1930, com o acelerado processo de modernização capitalista e industrialização que viveu o país, a caduquice do Estado brasileiro ficou evidente. O Estado funcionava por regras engessadas assentado numa morosidade e num excesso de formalidades que destoavam da iniciativa privada. Esse descompasso também era sentido na educação e foi um dos motivos das reformas educacionais que a ditadura introduziu em 1968, no ensino superior e, em 1971, no ensino básico.

A política desenvolvimentista, por exemplo, do Governo JK, na década de 1950, ao executar a construção de Brasília, teve que providenciar um arranjo burocrático-estatal inédito e atípico para viabilizar a nova capital e escapar da inoperância da burocracia brasileira. Tendo em vista as inadequações do modelo da administração burocrática implantada a

partir de 1930, o governo Juscelino Kubitschek criou comissões paralelas, como a Comissão de Simplificação Burocrática, para fazer a máquina estatal andar. Deu certo. A capital foi inaugurada a tempo e a experiência não foi esquecida. Estava atestado que o Estado brasileiro poderia repassar certas tarefas para outros realizarem.

Basicamente, o modelo fundacional consiste na criação de entidades jurídicas sem fins lucrativos e destinada à prestação de serviços à coletividade. São criadas por meio da constituição de um patrimônio, via doação ou testamento, que lhe é próprio e independente dos indivíduos, portanto, destacado de seu fundador, ou fundadores, para uma finalidade específica. Não tem proprietário, nem titular, nem sócios ou acionistas. Consiste apenas num patrimônio destinado a um fim, dirigido por administradores ou curadores, na conformidade de seus estatutos.

As primeiras fundações brasileiras foram as Santas Casas de Misericórdia criadas desde o período colonial e que objetivam fornecer assistência médica-caritativa à população. Atualmente, o Brasil conta com inúmeras fundações, algumas inclusive internacionalmente conhecidas, como a Fundação Getúlio Vargas (FGV), a Fundação Padre Anchieta, mantenedora da TV Educativa do Estado de São Paulo, e a Fundação Oswaldo Cruz. Durante o século XX, com a industrialização, e as grandiosas fortunas por ela geradas, assistiu-se ao surgimento de inúmeras fundações com variados fins, sendo as mais famosas as estadunidenses: Fundação Rockefeller (1913) e Fundação Ford (1936). Na Europa, a Fundação Humboldt (alemã) e a Fundação Nobel (sueca) são muito conhecidas.

Na área da educação, o modelo fundacional foi implantado no Brasil pela primeira vez em 1961 por ocasião da estruturação da Universidade de Brasília (Unb). O objetivo era criar instituições de caráter público com autonomia pedagógica e livre de ingerências políticas diretas advindas do Estado. A Unb pretendia ser, na época, da mesma forma que a nova capital Brasília, o modelo a ser seguido no restante do país.

(...) a Universidade de Brasília foi criada no regime fundacional. Como fundação, (...) esperava-se que a instituição pudesse libertar-se das amarras do serviço público federal sem perder a característica de uma entidade pública.<sup>32</sup>

A novidade do decreto-lei nº200<sup>33</sup> foi permitir que as fundações ligadas ao poder público pudessem obter receita própria. A partir daí, elas poderiam ser criadas pelos governos estaduais e municipais através de legislação específica e aprovada pelas respectivas casas legislativas. Em suma, passaram a dispor de autonomia administrativa, financeira para executarem sua finalidade desde que respondessem perante a justiça, caso produzissem

algum dano a terceiros.

Este modelo fundacional foi a brecha que Araxá esperava para ver sua faculdade implantada. Não apenas Araxá, mas também outras cidades vizinhas e mineiras, como Patos de Minas (1968), Araguari (1969) e Patrocínio (1971)<sup>34</sup>. Foi a solução jurídica do sonho e, dada a contingência da época, a municipalidade tomou frente e soube bem aproveitar a oportunidade recém-surgida.

## A criação da FCA

Nas considerações que nos assaltam, ante o dilema de contribuir ou não contribuir, numa espécie cabocla da famosa opção Hamlet, uma ressalta, evidente e profundamente honesta e verdadeira: a Faculdade será obra de todos. Será contingência de uma época. Será a resposta coletiva a um desafio de longos anos. E será, antes e acima de tudo, um orgulho para a nossa geração, que espera ser contemporânea de um empreendimento que dará a Araxá um outro nível de cultura, e um outro sentido econômico, em termos de luta pela vida.<sup>35</sup>

Seguramente, três nomes foram decisivos na criação da atual Fundação Cultural de Araxá (FCA), inicialmente Fundação Universitária de Araxá (FUA). São eles: o jornal araxaense Correio de Araxá, o prefeito da época, José Rodrigues Duarte, e o senhor Virmondos Afonso Ribeiro, juntamente com o grupo de voluntários que liderou.

Enquanto o senhor Virmondos cuidou da constituição do patrimônio inicial da FCA, o jornal Correio de Araxá divulgou semanalmente em suas páginas a “*escalada da Fafi*,” noticiando os acontecimentos alusivos àquela empreitada araxaense. O prefeito José Rodrigues Duarte, ex-membro da SEAP, portanto, uma pessoa identificada com a luta política pela criação do ensino superior em Araxá, sancionou quatro leis que no intervalo de quinze meses resultaram na constituição da FCA conforme determinava a legislação da época. Foram elas:

- Lei nº 1.199, de 28/08/1972 (Cria a Fundação Universitária de Araxá);
- Lei nº 1.222, de 30/04/1973 (Modifica a denominação da Fundação Universitária de Araxá);
- Lei nº 1.223, de 30/04/1973 (Autoriza a aquisição de imóvel, sua doação e contém outras providências);
- Lei nº 1.261, de 12/11/1973 (Concede subvenção à FCA).

Em 1973, a ditadura toma uma atitude patética que visava disfarçar sua omissão e

cumplicidade com a expansão promovida pelas **Fundações Universitárias**. Toda fundação que mantivesse uma unidade de ensino superior poderia fazê-lo, desde que não ostentasse no seu nome a alusão direta à sua atividade de mantenedora de escolas de ensino superior. Foi neste contexto que o então prefeito de Araxá, José Rodrigues Duarte, sancionou a lei nº 1. 222, de 30/04/1973, alterando o nome da mantenedora da faculdade de Araxá de FUA para FCA.<sup>36</sup>

Alguns críticos atuais e da época apontam que ao permitir a existência de entes ligados ao poder público, estadual ou municipal, mas com caráter privado, atuando no mercado educacional, a ditadura pretendia se esquivar de suas obrigações e da responsabilidade de custear a expansão do ensino superior no Brasil e não promover a chamada “*modernização e expansão do serviço público*,”.

Só quem veio de um tempo em que o diploma de curso superior era privilégio de ricos, sabe avaliar a utilidade desse empreendimento (a criação da faculdade em Araxá). Estamos cansados de saber, todos nós, que o ensino, principalmente o superior, é dever do poder público. Mas a verdade é que aos homens de boa vontade cabe o dever de suprir as omissões governamentais.<sup>37</sup>

Contudo, conforme já explicado, se o propósito era conter o crescimento do número de estabelecimentos, o “*tiro saiu pela culatra*”. O empecilho virou escape por onde vazou a expansão universitária brasileira que se assistiu nas décadas seguintes<sup>38</sup>. Em Araxá, não foi diferente, aproveitou-se a brecha para materializar um sonho que a cidade alimentava pelo menos desde 1965: **O Ano do Centenário**. Contudo, é preciso dizer que Araxá foi a penúltima cidade de médio porte da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba a implantar sua faculdade.

Cidades outras, menores que a nossa, vizinhas da nossa, acordaram há mais tempo. Estão, hoje, mais preparadas, servindo melhor a sua juventude.

(...)

Necessidade de ensino superior, numa comunidade de mais de 40 mil habitantes, é coisa que pode ser sentida, até pelos leigos. É o meu caso. Se a cidade quiser teremos a Faculdade; se não quiser, não a teremos. Assim, está em nossas mãos o êxito da iniciativa.<sup>39</sup>

O senhor Virmondés<sup>40</sup>, ruralista atuante na sociedade araxaense, foi um dos líderes da arrecadação de doações para a constituição do patrimônio inicial da FCA. Tratava-se de uma exigência legal. Apesar de muitos ruralistas terem contribuído e de o senhor Virmondés

pertencer a essa classe social, não foram eles os únicos doadores. Comerciantes, professores, cidadãos comuns, mineradoras, políticos, médicos e advogados, entre outros, também doaram seu quinhão. Deve-se evitar o anacronismo de supervalorizar a atuação dos líderes e políticos em prol da atuação da comunidade e o inverso. São dois pólos que não esclarecem a história. A grande lição que ficou com a viabilização para a criação da primeira faculdade de Araxá é “*A força da União*”. Quando as rivalidades cedem lugar à confluência de objetivos, o resultado é certo.

Não sei, por falta de maiores e melhores informações, quem está à frente da imensa tarefa, a não ser a D. Chica (refere-se a prof.a. Francisca Querina Martins de Oliveira) e, com ela, três cidadãos que me visitaram com o clássico “livro de ouro”<sup>41</sup>: o Dr. Alcione de Souza Bernardes e os senhores Virmondos Afonso Ribeiro e Jairo Coelho.<sup>42</sup>

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá, antiga FAFI, primeira instituição de ensino superior de Araxá foi criada em 1973 pela Fundação Universitária de Araxá; “*fundação pública de direito privado*” sua mantenedora. Em suma, a primeira faculdade araxaense surgiu sob o signo do modelo fundacional ditada por uma combinação de fatores que resultaram na materialização do velho sonho de uma instituição de ensino superior em terras araxaenses.

## O sonho de ontem, a realidade de hoje

CIDADE, que precisa de Faculdade como precisa de ar, recebe hoje, com viva expectativa, porém, confiante, a visita da Comissão Verificadora do Conselho Estadual de Educação, presidida pelo prof. Geraldo Sardinha, que aqui vem com a finalidade de verificar, *in loco*, as condições sócio-econômicas e culturais do município, a biblioteca e o prédio onde funcionará a nossa Faculdade de Filosofia.

Com o dr. Geraldo Sardinha, virão os professores Geraldo Magela de Rezende e Clemenceau, que completam a equipe da Comissão Verificadora.<sup>43</sup>

### EXTRA – Araxá já possui Ensino Superior

O Plenário do Egrégio Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais, em reunião realizada ontem (06/08/1973) em Belo Horizonte, aprovou definitivamente a instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Cultural de Araxá.

O professor Amaro Xisto de Queiroz, relator do processo, dando o seu parecer favorável, acolheu a tese da necessidade de implantação dos cursos oferecidos pelo primeiro estabelecimento de ensino superior de Araxá.

O Dr. José Duarte, Prefeito Municipal, já marcou audiência com o Ministro Jarbas Passarinho visando o Decreto Presidencial que referendará o ato do Conselho Estadual de Educação, devendo seguir para Brasília ainda nesta semana.<sup>44</sup>

Se para os fins jurídicos e legais a FCA é distinta da faculdade, para a população araxaense essa distinção não fazia sentido. A luta pela criação da faculdade confundiu-se com a constituição da FCA. Hoje torna-se imperativo compreender a solução encontrada na época. Na década de 1970, era imprescindível sonhar com “*universitários araxaenses*”. O fragmento a seguir comprova bem esta assertiva, donde FCA e Faculdade fundem-se numa única fala e evidenciam o entusiasmo que perpassava aquele momento.

### A Concretização de uma Idéia

Na memorável noite de 25 de agosto de 1972, Dia do Soldado, mais uma batalha se iniciava em prol do progresso araxaense. Eram exatamente 22 horas, quando a Câmara dos Vereadores, presidida pelo então vereador Dr. Aracely de Paula, votava em terceira discussão, aprovando a mensagem do Executivo Municipal do projeto de lei nº30/72. O Plenário, já conhecendo a obra que tinha início naquela noite, dispensa a leitura do projeto. Estava aprovada a criação da Fundação Cultural de Araxá com a finalidade de manter, (...) o ensino superior, tantas vezes reclamado por sua laboriosa população, que surgia em Araxá. Começava a ser solucionado um dos mais graves problemas sociais de nossa gente: a evasão de seu contingente estudantil; de sua mocidade visando continuar sua formação intelectual e técnica que, partia, dificilmente retornando a terra natal para aplicação dos conhecimentos adquiridos.

Objetivando sanar esta cruel realidade, sua excelência o Prefeito Municipal, Dr. José Duarte, incentivado pelo comércio, pela indústria, pelos pecuaristas e pelos clubes de serviço, representados pelos seus melhores líderes, não mediu esforços para a criação da Entidade Mantenedora, enviando o projeto de lei a Câmara, e dotando-a de condições econômicas para o início de suas atividades culturais. (...) Aquela noite de 25 de agosto, quando o projeto foi aprovado por 9x0 pelos vereadores Aracely de Paula, Silvio Afonso de Almeida, Waldir Benevides de Ávila, Nicanor de Freitas, Vicente de Paulo, Edésio Fernandes Baleeiro, Luiz Gonazga Di Mambro, Baltazar dos Santos Reis, Sebastião Vieira Borges, Sebastião Pereira de Souza Filho, ficará eternamente gravada na memória de toda uma juventude de hoje, alicerces da grandeza e do progresso de Araxá.<sup>45</sup>

Realmente, essa distinção do ponto de vista político não era tão importante. Assim, no dia 25 de agosto de 1973, exatamente um ano após a criação da FCA, a Prof.<sup>a</sup> Eunice da Silveira de Castilho<sup>46</sup> e seu esposo Prof. Fernando Augusto Borges de Castilho<sup>47</sup>, respectivamente, primeira diretora e primeiro secretário da Fafi de Araxá, assinavam o primeiro Edital do Concurso Vestibular de Araxá.

Desde o início, ofereceram três cursos de graduação: Estudos Sociais<sup>48</sup> (duração: dois anos), Letras (três anos) e Pedagogia (três anos). O primeiro vestibular de Araxá realizou-se nos dias 30/08, 31/08, 01/09 e 02/09 de 1973. Foi um sucesso. Inscreveram-se 128 candidatos para 150 vagas autorizadas, o que, dada a época em que foi realizado, meados do ano letivo, somado ao fato de ainda não haver tradição universitária em Araxá, foi um fator positivo da nascente faculdade<sup>49</sup>. Todos foram aprovados, contudo, apenas 123 candidatos fizeram matrícula. A esses, somaram-se nove candidatos que já haviam prestado vestibular com aprovação noutras instituições e outros que já possuíam diploma de ensino superior.

Assim, a primeira turma tinha 133 matriculados. O primeiro bolsista foi o estudante Alberto Parreira Borges. A faculdade funcionava no noturno, cinco aulas diárias, e as aulas de Educação Física foram concentradas no sábado a pedido dos alunos através do Diretório Acadêmico “*Carlos José Lemos*”<sup>50</sup>. A aula inaugural foi dia 10/09/1973.

O primeiro curso de extensão foi ministrado em outubro de 1974 e o tema foi: *Cultura Mineira*, pelo professor José da Paz Lopez<sup>51</sup>. O primeiro trancamento de matrícula foi da aluna Silvia Lúcia Vale que mudou-se para Brasília para cursar Assistência Social. O primeiro número telefônico foi **2577**, quando não havia ainda nem alunos matriculados e apenas a diretora e o secretário, seu esposo, ficavam de plantão das 19 horas às 21 horas no prédio do *Jesus Cristo* aguardando telefonas para esclarecimentos de eventuais dúvidas. A primeira bibliotecária foi Ana Victória Cabral de Paula Machado<sup>52</sup>. O primeiro nome que recebeu a biblioteca foi *Biblioteca Dr. José Guerra Pinto Coelho*. A primeira visita oficial recebida foi do General Léo Acyr Sá Brito, ex-diretor da antiga Faculdade de Ciências Econômicas (FAMCE) de Belo Horizonte no primeiro semestre de funcionamento (2º semestre/1973). A esta seguiram-se, no mesmo semestre, outras visitas.

A Faculdade de Filosofia de Araxá, nestes poucos meses, recebeu orgulhosamente visitas das mais importantes dos meios educacionais do Estado. Dr. Samuel da Rocha Barros, do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais, prof.<sup>o</sup> Leo Acyr Brito, ex-diretor da Faculdade Ciências Econômicas de Belo Horizonte, Prof.<sup>a</sup> Argentina Verçosa, professores da Universidade Federal de Juiz de Fora, Diretores e professores da Faculdade Santo Tomas de Aquino de Uberaba e

Araguari, Diretores do Colégio Paula Frassinetti de São Sebastião do Paraíso, Diretores e professores da Faculdade de Filosofia de Patos de Minas, Reitor da Universidade de Ituiutaba e muitos outros.<sup>53</sup>

Curiosamente, a primeira inscrição do primeiro vestibular foi de uma patrocinese, Grácia Gimenez, do curso de Letras. Na época, o Lions Club de Araxá ofereceu um jantar aos primeiros universitários araxaenses o que evidencia o entusiasmo da comunidade para com a faculdade. Até um uniforme foi planejado na época.

Heloisa Helena Oliveira e Márcia Vale lançaram o uniforme da FAFI-Araxá. Macacão roxo, cintado e blusa branca olímpica ostentando o escudo da Faculdade. Bastante elegante.<sup>54</sup>

O primeiro corpo docente, que atuou no segundo semestre de 1973, contou com nomes araxaenses e não-araxaenses; foram eles: Dulce Helena Moura Mattos, Mariano Parziale, Maria Aparecida Villela, Rui Rocha, Ruth Gebrini, Eunice da Silveira Castilho, Djalma Alvarenga, entre outros.

Assim, o segundo semestre de 1973 foi um período de intenso otimismo que ecoou não apenas nos documentos internos da FAFI e da FCA, mas nos jornais e no espírito da cidade que em “*gáudio*” jubilava-se com a novidade universitária. A primeira atividade para a comunidade externa que causou sensação em Araxá foi a “*Noite do Minério*,” uma exposição dos trabalhos sobre as empresas mineradoras da cidade, em 1977, no Clube Araxá<sup>55</sup>. O primeiro curso de pós-graduação “*lato sensu*” (Especialização) foi oferecido em 1978, na área de Letras, e intitulava-se: ***Semântica do Português***.

A primeira turma a se formar foi do curso de Estudos Sociais, em julho de 1975, habilitados para lecionar Estudos Sociais - História, Geografia e EMC (Educação Moral e Cívica) de 5ª a 8ª série. Foi um sucesso a formatura. A primeira colação de grau foi no dia 05/07/1975, no salão nobre do Clube Araxá, e o primeiro orador foi o estudante Alex Alves Maia. Naquele dia, 32 universitários prestaram seu juramento solene, os primeiros nomes de uma nova época que estava apenas iniciando-se. Foram eles: Adélia do Rosário Coelho, Adolfo Alan de Oliveira, Alex Alves Maia, Ana Cerelina da Costa Rodrigues, Angela Maria Tormin, Antônia Auxiliadora Rios Ferreira, Antônio Reis Fernandes, Beatriz Pereira de Almeida, Edilamar Caixeta, Giselda Borges Ribeiro, Iolanda Cesarina Rezende Vilela, José Flausino Ferreira, Kleber Pereira Valeriano, Leuza Gonçalves Rezende, Líbia Maria Borges, Lóide Guimarães, Margarida de Ávila Barbosa, Maria Abbadia Santos, Maria Alice Vale Lopes, Maria Izabel Oliveira, Marilda Vale Scarpellini, Maura Vaz de Ávila, Miriam

Afonso Nolli, Neide Maria Guimarães Barbosa, Paulo Roberto de Souza, Régia Porfírio de Azevedo, Rosa Maria Mauer Costa, Rosália Santos, Sandra Maria Borges Barreto, Solange Alves de Ávila, Terezinha de Lourdes Romão e Vilma Glória Ribeiro.



Primeira turma de formandos da FAFI de Araxá (20 dos 32 formandos). Julho de 1975.

Foto cedida por Cléber Pereira Valeriano..

Esta foto foi publicada no Jornal Correio de Araxá, 05/07/1975.

## Atraso brasileiro e idealismo araxaense

### Araxá em Tempo de Faculdade

É deveras animador e apreciável o movimento estudantil de Araxá à noite. Pelas seis e meia, com frio ou calor, com vento ou com chuva, começam a chegar a Faculdade de Filosofia, moças e moços, as dezenas, descendo ou subindo, a pé

ou de carro, pressurosos para as aulas. São quase duzentos estudantes, no rol dos quais se contam laboriosas mães de família e cidadãos já um tanto avançados na idade. E estão alegres e felizes no contato alvissareiro de colegas e mestres, estes recrutados entre o que há de melhor nestas adjacências do Alto Paranaíba. Com tal movimento, que há – sempre crescer nos próximos anos, transformou-se o ambiente cultural de Araxá, com generosos reflexos na vida urbana. A onda extraordinária de renovação, na pesquisa, no debate, na leitura, a sadia vontade de estudar e aprender, o entusiasmo pela modernização, tudo isto é sempre algo de muito positivo e sólido, transformando a própria estrutura da região, liderada por Araxá. É muito digno, salutar e justo o esforço dos que aqui implantaram esta FAFI, plantando sólidas bases para que, num breve quase imediato, possa toda a região contar com um melhor professorado, atuando nas áreas do ensino primário, médio e superior.<sup>56</sup>



Colação de Grau da primeira turma de formandos da FAFI de Araxá.  
Foto cedida por Cléber Pereira Valeriano..

As instituições, escolares ou não, são filhas de seu tempo. São concebidas e construídas a partir das condições concretas e do esforço conjunto de uma determinada comunidade. Portanto, são históricas no duplo sentido do termo: são frutos de uma época e de sua própria história, ou seja, de sua trajetória. Deste modo, a compreensão adequada das instituições clama pelo contexto que lhes deu origem e apela para as condições históricas

que alicerçaram seu caminho, que estimularam ou que frearam o seu desenvolvimento.

Com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá, antiga FAFI, atual Centro Universitário do Planalto de Araxá (Uniaraxá), não foi diferente. De FAFI a Uniaraxá, tem-se uma trajetória marcada por momentos em que o caminho foi aplainado pela conjugação de fatores favoráveis, e outros quando teve que percorrer sendas tortuosas e enfrentar espinhos e pedras. A FAFI de Araxá se parecia mais com suas congêneres da década de 1970 do que com o atual Uniaraxá. O contexto explica as instituições e as instituições são realizações de sua época.

Esta Instituição desde suas origens assumiu compromissos pelos quais zela até hoje: produção, transmissão, disseminação do conhecimento e prestação de serviços à comunidade. Sempre procurou assumir um compromisso com o desenvolvimento da região. Para isso, tornou-se um centro irradiador e transformador da estrutura cultural de sua área de atuação.

Esclarecida a conjuntura em que se implantou à FAFI de Araxá, resta agora elucidar um aspecto importante. Uma conjugação favorável de três fatores deu origem à faculdade de Araxá no início da década de 1970.

**Primeiro**, a vanguarda dos ruralistas. Eles foram uma das primeiras classes sociais de Araxá a se ressentirem pela falta de uma faculdade local. O entusiasmo deles contagiou a cidade que numa segunda etapa colaborou efetivamente, inclusive financeiramente, para que a faculdade de Araxá passasse do sonho a realidade.

O **segundo** elemento foi a Reforma de 1968. Essa nova legislação permitia a expansão das FAFIs, conforme já explicado, e viabilizou a formação de maior número de professores. Correlato a essa mudança, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971 (5.692 de 1971) exigia qualificação dos professores, o que conferiu à faculdade de Araxá um mercado nascente a abastecer.

O **terceiro** elemento foi o envolvimento e atuação decidida do Executivo e do Legislativo municipais da época. O então prefeito, José Rodrigues Duarte, soube cooptar o interesse da comunidade e viu na faculdade um meio de desenvolvimento regional e de intensificação da polarização dos municípios vizinhos entorno de Araxá. Em suma, esses foram os elementos que permitiram a Araxá criar e instalar sua primeira Faculdade. Foi assim que Araxá rompeu o pessimismo da época e inaugurou uma nova fase de sua história.

# Referências

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1990.

CURI, Luciano Marcos. “**Defender os sãos e consolar os lázaos**”: lepra e isolamento no Brasil (1935-1976). (Dissertação de Mestrado/História). Universidade Federal de Uberlândia/UFU, 2002.

CURI, Luciano Marcos. Breve história do autoritarismo no Brasil. In: **Jornal Interação** (Semanário de Notícias de Araxá/MG). Ano 2, nº83, 28/01/2005: 03.

CURI, Luciano Marcos. Cultura popular em Araxá. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz, ABDALA, Mônica Chaves (Org.). **Caleidoscópio de saberes e práticas populares** (catalogo da produção cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba). Uberlândia: EDUFU, 2007, pp. 19-29.

CURI, Luciano Marcos. Escola Estadual Vasco Santos: decisiva na consolidação do ensino público em Araxá. In: **O Trem da História**. FCCB, 2006, Ano 16, nº42, p.46.

CURI, Luciano Marcos. História da Educação em Itaipu. In: **Evidência**: olhares e pesquisa em saberes educacionais. Araxá: Uniaraxá, Ano 01, nº01, 2005, pp. 141-161.

CURI, Luciano Marcos. O povoado de Itaipu nos caminhos de ferro do Oeste de Minas Gerais. In: **Cadernos do CDHIS**. Ano 13, nº27, 2º semestre de 2000.

CURI, Luciano Marcos. Padre Ignácio: ofício de mestre. In: **Jornal Interação** (Semanário de Notícias de Araxá/MG). Ano 4, nº178, 24/11/2006, p.03.

CURI, Luciano Marcos. Para onde caminha a Educação? Autonomia escolar: ainda é preciso lutar. In: **Correio de Araxá** (Semanário de Notícias de Araxá/MG – Coluna do CEFET-MG). Ano 48, nº3016, 11/06/2005, p. 06-B.

CURI, Luciano Marcos; SOUZA, Helena Amaral; LEITE, Mara Aparecida. Marcelina, Rotary e Luiza: história da Escola do Bairro Santa Rita. In **O Trem da História**. FCCB, 2008, Ano 18, pp.40-41.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 4ª ed. 1993.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp. 6º ed., 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 15ºed., 2000.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; SILVA, Glaydson José. **Teoria da História**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira, et alli (org). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª ed., 2003.

MONTANDON, Rosa Maria Spinoso de. **Dona Beja: desvendando o mito**. Uberlândia: Edufu, 2005.

PILET, Nelson. **História da Educação no Brasil..** São Paulo: Ática, 1990.

PITOMBEIRA, Sonia Maria Ferreira; CURI, Luciano Marcos. Colégio Dom José Gaspar: materialização de um sonho araxaense. In: **O Trem da História**. FCCB, 2008, Ano 18, nº45, pp.44-45.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. História Regional e Local: problemas teóricos e práticos. In: **História & Perspectivas** (Revista dos cursos de graduação e pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia). Uberlândia: Edufu, nº16-17, 1997: 149-164.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SINGER, Paul. **O capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica**. São Paulo: Moderna, 1998.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve História: Foucault revoluciona a História**. Brasília: Editora da UNB, 1982.

## Notas

<sup>1</sup> Este artigo integra uma pesquisa que abordará a História do Ensino Superior em Araxá das origens até a atualidade.

<sup>2</sup> Mestre em História Social/UFU e Doutorando em História da Ciência pela UFMG (Linha: Ciência e Cultura na História; Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Betânia Gonçalves Figueiredo). Professor de Ciências Humanas do Uniaraxá.

<sup>3</sup> Teixeira, Regina Afonso. Os Grêmios no Centenário. In: **Jornal Correio de Araxá**. 23/Maio/1965.

<sup>4</sup> Cadeia de jornais e revistas criadas por Assis Chateaubriand a partir da aquisição, em 1924, de *O Jornal*,

no Rio de Janeiro (RJ) e Diário da Noite, em São Paulo (SP). Mais tarde, a razão social passou a ser *Emissoras e Diários Associados*, com a inclusão de estações de rádio e televisão. O condomínio acionário, forma adotada pelo fundador para dar-lhe continuidade após sua morte, era integrado ainda por agência de notícias (Meridional) e pelos *Serviços de Imprensa, Rádio e Televisão Associados* (SIRTA). Em 1968, era constituído de 34 jornais, 18 revistas, 25 estações de rádio e 18 emissoras de televisão. Em 1980, o governo cassou a concessão das estações de televisão, e os *Diários Associados* pediram concordada.

<sup>5</sup> Revista semanal ilustrada fundada por Assis Chateaubriand que começou a circular em 10 de novembro de 1928 com uma tiragem de 50 mil exemplares. Com sede no Rio de Janeiro, chegou a circular, na década de 1950 com 750 mil exemplares semanalmente. Destacou-se por suas grandes reportagens, seções como “O Pif-Paf” e “O Amigo da Onça” e realização de promoções como o concurso Miss Brasil. Deixou de circular em 1975, para ressurgir em 1979 já com outros proprietários. Desapareceu definitivamente em 1981. A importância dessa revista no cenário brasileiro, em termos comparativos, equivale a atual Revista Veja, da Editora Abril.

<sup>6</sup> Marise, Junia. A vida fabulosa de Dona Bêja. (Reportagem de capa). In: **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: 13/11/1965, pp.51-60.

<sup>7</sup> Ibid., p.60.

<sup>8</sup> Lei nº 3.359 de 17/11/1965.

<sup>9</sup> Hilo Wilson Estevan Andrade – PSD - (Membro da 4ª e 5ª Legislatura da Assembléia Mineira – f. 21/01/1966). Deputado por dois mandatos, apresentou doze projetos relativos a Araxá. Apenas um foi aprovado e convertido em Lei (Lei nº3. 359 de 71/11/1965) que criava a Escola de Enfermagem de Araxá e que terminou por não ser implantado. O projeto de lei que criava a primeira faculdade de Araxá ligada ao governo de Minas não chegou a ser convertido em lei (PL 1396 de 1965).

<sup>10</sup> Os Atos Institucionais da ditadura militar foram normatizações editadas à revelia do Legislativo e da Constituição da época, dotadas da capacidade de alterar qualquer lei, Constituição ou princípio de direito que com eles colidissem. Ao todo foram editados 17 Atos Institucionais entre 09/04/1964 a 14/10/1969.

<sup>11</sup> Jornal Correio de Araxá – Faculdades: materialização de um Velho Sonho. 12/12/1970.

<sup>12</sup> O médico referido é Cesar Mesquita.

<sup>13</sup> Praça São Domingos nº420. Hoje é onde se encontra o escritório do advogado Fausto Júlio Mesquita com sua portentosa biblioteca (2º piso). Agradeço a ele esclarecimentos importantes sobre a SEAP e fundamentais para a História do Ensino Superior em Araxá.

<sup>14</sup> Atualmente Conselho Nacional da Educação que foi transferido para Brasília em 16/08/1971 (Sessão de Instalação do Conselho Federal de Educação em Brasília em atendimento à Portaria nº 3.638/MEC de 04/12/1970). Durante o governo de Jânio Quadros e de João Goulart a construção de Brasília e a transferência de órgãos federais para a cidade ficou quase estagnada. Havia muita pressão para que a

capital voltasse ao Rio. Brasília tinha poucos habitantes argumentavam. Foi com o governo Castello Branco que se reiniciou a consolidação de Brasília como a capital federal. Apesar de a cidade ter sido construída em tempo recorde, a transferência efetiva da infra-estrutura governamental só ocorreu durante os governos militares, já na década de 70. Ainda hoje, há muitos órgãos do governo na cidade do Rio de Janeiro. Órgãos como o Conselho Federal da OAB transferiu-se para Brasília apenas em 15/09/1986. O DNER transferiu-se para Brasília apenas em 1990. Brasília, recém inaugurada, é abalada por sucessivas crises políticas, que puseram em cheque a permanência da Capital no Planalto Central. Sucessivos boatos sustentavam a volta do Poder Federal para o Rio de Janeiro. Todavia, com o golpe de 1964, os militares viram em Brasília a possibilidade de promover o grande “projeto de integração nacional” que ambicionavam. De fato, ao longo dos governos militares tomaram-se medidas efetivas para a consolidação da Capital com a transferência de órgãos federais do Rio para Brasília, a manutenção da rodovia Belém-Brasília e a implantação do megalômano projeto da Transbrasiliana. Todavia, foi no governo Geisel que Brasília passou a ter foros de cidade aceita internacionalmente com a obrigatoriedade da transferência do corpo diplomático do Rio para a Capital Federal. Com isso, a cidade ganhou força e cresceu aceleradamente.

<sup>15</sup> Refere-se a após à SEAP.

<sup>16</sup> Jornal Correio de Araxá – Faculdades: materialização de um Velho Sonho. 12/12/1970.

<sup>17</sup> Jornal Correio de Araxá – Faculdades: materialização de um Velho Sonho. 12/12/1970.

<sup>18</sup> Jornal Correio de Araxá – 23/05/1965.

<sup>19</sup> A DEMA (Distribuidora e Exportadora de Minérios e Adubos Ltda), criada em 1955, foi à primeira empresa a obter autorização para explorar o nióbio em Araxá em 1957. Em 1972, a exploração do nióbio de Araxá é arrendada à CBMM que sucedeu a antiga DEMA. Atualmente a CBMM é líder mundial no mercado de nióbio.

<sup>20</sup> Foi gerente-geral do Banco do Brasil em Araxá.

<sup>21</sup> Posteriormente passou a denominar-se Sociedade de Assistência Espírita de Araxá e atualmente chama-se Associação de Assistência Espírita de Araxá.

<sup>22</sup> Autorização de funcionamento: Portaria (SEE/MG) nº466 de 06/05/1959.

<sup>23</sup> Este prédio foi a primeira sede da FAFI que ali funcionou até 1980, quando foi transferida para o Colégio São Domingos.

<sup>24</sup> Jornal Correio de Araxá – 23/05/1965.

<sup>25</sup> A Eminas (Escola Minas de Araxá) funcionou em Araxá de 1977 a 1994 e durante este período ofertava cursos técnicos. Foi a unidade nº02 da FCA. Na época de sua criação contou com a participação decisiva do então secretário da FAFI, prof. Fernando Augusto Borges de Castilho, responsável, inclusive, pela sugestão do nome baseado na Escola de Minas de Ouro Preto. A Eminas ofereceu os cursos técnicos de Mineração, Metalurgia, Geologia, Mecânica, Eletrônica e Instrumentação. Com a criação da

unidade nº 04 do Cefet-MG em Araxá, em 1992, (que funcionava no mesmo prédio) a E Minas foi gradualmente desativada; processo que encerrou-se em 1994. A aula inaugural do Cefet-MG- Campus IV – Uned-Aaxá foi em 16/03/1992, numa quinta-feira, às 16 horas. Foram diretores da E Minas: Francisca Querina Martins de Oliveira (1977-1986); Venâncio Ferreira (1987-1988); Wagner de Freitas Oliveira (1989-1993); Rogério Contato Guimarães (1994). A E Minas foi oficialmente extinta em 20/12/1994. Seus documentos encontram-se sobre a guarda FCA.

<sup>26</sup> Aqui é preciso um esclarecimento. A disciplina de OSPB, por exemplo, foi criada antes da ditadura militar. A discussão sobre a importância do civismo na educação escolar data das décadas de 1940 e 1950. Contudo, quando o governo militar editou o Decreto-lei nº869 de 12/09/1969 que tornou obrigatório o estudo dessas disciplinas ele imprimiu alterações drásticas, conservadoras e autoritárias nas propostas que foram discutidas antes da chegada dos militares ao poder em 1964. Os militares terminaram por substituir uma formação humanística e crítica necessária ao exercício da cidadania por um conjunto de disciplinas de caráter cívico-patriótico que mais doutrinavam a juventude do que lhe instrumentalizava para a vida política e social.

<sup>27</sup> Jornal Correio de Araxá – 12/12/1970. Um ano após a edição do AI-5.

<sup>28</sup> CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: Lopes, Eliane Marta Teixeira (org). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 185.

<sup>29</sup> TEIXEIRA, Anísio. **Ensino Superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969**. Rio de Janeiro: FGV, 198, p.39-40.

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> SCHWARTZMAN, Simon. **O ensino superior no Brasil**. Brasília: INEP, 1999. (Série Documental. Textos para Discussão, ISSN 1414-0640).

<sup>32</sup> CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (org). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.175.

<sup>33</sup> As fundações públicas de direito privado estão formalmente na Administração Pública brasileira desde 1967 pelo Decreto-lei nº 200. Existe uma bibliografia substancial produzida deste então sobre as idas e vindas da legislação quanto ao assunto que aborda a integração destas fundações na administração pública indireta e quanto ao regime jurídico das mesmas. A lista das modificações legais sofridas desde então não é pequena (Decreto-lei nº900/1969, Decreto-lei 2.299/1986 e Lei nº 7.596/1987, Artigo 37 da Constituição Federal de 1988, entre outros que se seguem). A questão é que o STF, nos seus mais recentes pronunciamentos, definiu que as fundações instituídas pelo poder público tanto podem ser de direito público como de direito privado, cabendo à lei que a instituir essa decisão e a Constituição Federal prevê o modelo privado no art. 37, XIX.

<sup>34</sup> As datas referem-se à criação das mantenedoras, todas elas fundações públicas de direito privado. É difícil saber com precisão quantas fundações deste gênero surgiram no Brasil oriundas desta legislação.

Um levantamento sistematizado ainda não foi realizado. No Censo do Ensino Superior, o Ministério da Educação agrupa todas as fundações com e sem fins lucrativos numa mesma categoria. Para se ter uma ideia do alcance quantitativo que esta medida representou a ABMES (Associação das Mantenedoras de Ensino Superior), com sede em Brasília, possui atualmente nos seus quadros 309 associadas que mantêm 448 Instituições de Ensino Superior (IES) no país.

<sup>35</sup> Jornal Correio de Araxá – 09/12/1972- Geraldo Porfírio Botelho.

<sup>36</sup> Razão da mudança do nome deve-se ao disposto no artigo 14 do Decreto-lei nº464/69, homologado pelo Parecer nº11/1973 do Conselho Federal de Educação. Cf. Lei (municipal) nº1. 222 de 30 de abril de 1973 e Ata nº05 de 25/06/1973 da FUA.

<sup>37</sup> Jornal Correio de Araxá – 09/12/1972.

<sup>38</sup> Cf. SCHWARTZMAN, Simon. **Op Cit.**

<sup>39</sup> Jornal Correio de Araxá – 09/12/1972. As datas do início do funcionamento das Instituições de Ensino Superior no Alto Paranaíba são: Patos de Minas (1970), Araxá (1973) e Patrocínio (1974).

<sup>40</sup> Virmondes Afonso Ribeiro foi o presidente da FCA (De 26/10/1972 a 16/10/1983), sócio da ARAP (Associação dos Ruralistas do Alto Paranaíba – inscrição nº131), membro do Sindicato dos Ruralistas de Araxá e presidente da Cooperativa Agropecuária de Araxá Ltda - CAPAL - (1971 a 1974).

<sup>41</sup> O referido livro encontra-se no acervo da FCA e trata-se de uma lista com os doadores iniciais.

<sup>42</sup> Jornal Correio de Araxá – nº 810 de 09/12/1972.

<sup>43</sup> Jornal Correio de Araxá – 30/06/1973.

<sup>44</sup> Jornal Correio de Araxá – Edição Extra – 07/08/1973 – 1ª página. Decreto (Federal) nº 72. 688 de 24 de agosto de 1973 autorizou o funcionamento da faculdade de Araxá.

<sup>45</sup> Jornal Correio de Araxá – 07/08/1973 – Edição Extra – nº845.

<sup>46</sup> Foi diretora da Fafi de Araxá no período de 15/07/1973 a 05/08/1977.

<sup>47</sup> Foi secretário-geral da Fafi de Araxá no período de 15/07/1973 a 30/05/1977.

<sup>48</sup> Posteriormente (1991) o curso de Estudos Sociais foi ampliado e passou a receber a denominação de Estudos Sociais (Licenciatura Plena – História). Em 2002 foi substituído pelo curso de História do qual apenas uma única turma formou-se em 2005.

<sup>49</sup> Ata nº 07 da FCA de 25/09/1973.

<sup>50</sup> Antecessor da atual DCE.

<sup>51</sup> Na época o professor José da Paz Lopez era titular de História Antigo e Medieval da FAFICH/UFMG e titular de História Econômica Geral e Formação Econômica do Brasil pelo Instituto Champagnat de Estudos Superiores (ICES). Cf. Jornal Correio de Araxá- 05/10/1974.

<sup>52</sup> Foi responsável pela Biblioteca no período de 01/09/1973 a 19/08/1974.

<sup>53</sup> Jornal Correio de Araxá – 29/12/1973.

<sup>54</sup> Jornal Correio de Araxá – 13/10/1973.

<sup>55</sup> Jornal Correio de Araxá – 03/12/1977.

<sup>56</sup> Jornal Correio de Araxá – 27/10/1973.

**\* Prof. M.e Luciano Marcos Curi**

**Currículo - <http://lattes.cnpq.br/6230715943028936>**

**Endereço eletrônico: [luciano.curi@bol.com.br](mailto:luciano.curi@bol.com.br)**

---

**Abstract:** Significant part of the History of Education in Araxá is to be written. This article has been helping to fill this gap that, contrary to what is commonly believed, it is not mere curiosity or longing. Understand the Brazilian education, its history and development is fundamental to the planning of courses to be taken at present and future. The cut time of this article is from the first attempt to give the araxaense council Higher Education (1965) and the araxaense first graduation class autochthonous at the time of course for Social Studies (1975). The text dates from the context and the difficulties experienced in that period in the struggle for the establishment of Higher Education in Araxá.

**Key-words:** Education, History of Education, History of Araxá.

---